



HAMAD, Vica (Ana Flávia Andrade Hamad). Exploração vocal a partir do estranhamento como forma de criação para a cena teatral. Salvador: Universidade Federal da Bahia. Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Escola de Teatro da Universidade Federal da Bahia; doutorado em curso; orientadora Antônia Pereira Bezerra. Bolsista do CNPq; 1D. Atriz e arteeducadora.

## RESUMO

Trata-se de uma pesquisa de Doutorado em andamento, cujo objeto de estudo é a voz alimentada pela Poética do Oprimido – proposta por Augusto Boal, na tentativa de se explorar as vozes que existem no sujeito. Ancora-se no sistema de jogos-exercícios de desmecanização e desautomatização do sujeito propostos por Boal e na sua metodologia do Teatro-Imagem. Baseado nessa técnica, esse estudo pretende sistematizar um treinamento vocal que torne visível a comunicação através de imagens sonoras. Tal ideia surgiu de uma experiência como preparadora vocal do grupo de teatro da Empresa Baiana de Água e Saneamento, o Embasart, em trabalho realizado com a linguagem do Teatro do Oprimido. Dessa experiência, surgiu uma pesquisa vocal, na qual se pretende realizar um treinamento técnico de preparação vocal para a cena – baseando-se nas propriedades do som e da música – no intuito de se desenvolver um trabalho de exploração vocal e criação sonora – imagens sonoras – a partir de estímulos corporais e musicais, tendo como foco principal a música contemporânea como indutora de um estranhamento e tendo a Poética do Oprimido como guia.

**PALAVRAS-CHAVE:** Voz; Música; Estranhamento; Música Contemporânea; Poética do Oprimido.

## ABSTRACT

This is a research PhD in progress, of which object of study is the voice fuelled by Poetics of the Oppressed - proposed by Augusto Boal in an attempt to explore the voices that exist in the subject. It's anchored in the gaming and exercises system for the desmechanization and deautomatization of the subject and in the methodology of Theatre-Image proposed by Boal. Based on this technique, this study aims to systematize a vocal training to become visible the communication through sound images. This idea came from an experience as a vocal coach of the theater group from the Bahia's Enterprise Water and Sanitation, the Embasart, in a work with the language of the Theater of the Oppressed. From this experience came a voice search, in which it intends to achieve a technical training vocal preparation for the scene - based on the properties of sound and music - in order to develop a working of vocal sound's exploration and creation - sound images - from bodily and musical stimuli, focusing mainly on contemporary music as an inducer of estrangement and taking the Poetics of the Oppressed as a guide.

**KEYWORDS:** Voice; Music; Estrangement; Contemporary Music; Poetics of the Oppressed.

A voz é corpo invisível que opera no espaço.  
Não existem dualidades, sub-divisões: voz e corpo.  
Existem apenas ações e reações que envolvem  
o nosso organismo em sua totalidade.  
Eugênio Barba

O presente trabalho trata-se de uma pesquisa de Doutorado em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal da Bahia (PPGAC/UFBA) sob a orientação da professora doutora Antônia Pereira e coorientação da professora doutora Meran Vargens.

Luigi Pareyson, em sua teoria da formatividade, nos diz que *formar* significa *fazer*, inventando *um modo de fazer* que só se encontra no próprio ato de realizar. Somente no operar encontram-se as regras da realização. Traduz, portanto, da seguinte forma o processo de formação da obra de arte que me dá suporte:

Tentar significa, precisamente, figurar uma determinada possibilidade e testá-la tentando realizá-la ou prevendo-a realizada, e se ela não se mostra adequada à consecução de um bom resultado, imaginar outra e testá-la também e proceder assim, de teste em teste, de experiência em experiência, para chegar finalmente à descoberta da única possibilidade que nesse ponto a própria operação exigia para ser levada a termo ou conduzida a bom porto, e que se revela então, uma vez descoberta, como aquela que se deveria saber encontrar (1993, p.61).

O trabalho com a voz, meu objeto de pesquisa, é naturalmente um trabalho lento, sutil, que requer confiança, vínculo e abertura. “No caso da voz, estamos continuamente a pensá-la e repensá-la e, muitas vezes, ela apresenta-se a nós como um enigma, um labirinto, uma região para incessante exploração” (EL HAOULI, 2002, p.46). De fato, nossa voz é um lugar para grandes e incessantes explorações, mas não uma região longe de nós mesmos. A voz é também corpo. Há um corpo-voz que se interrelaciona ao corpo físico como um todo.

Para El Haouli é preciso que a voz exista enquanto *ser* para que sejamos, pois se ela for, nós seremos. Se ela for aquilo que não é, não seremos nós ou seremos aquilo que não somos: escravos de sons e palavras vazias (cf. 2002, p.46). Na Poética do Oprimido, Augusto Boal busca “a recuperação da voz perdida ou recalçada por situações de opressão, aquela capaz de transformações no íntimo dos seres humanos” (Ibidem, p.48) para que eles possam ser politicamente em plenitude.

Essa voz perdida que, ao desaparecer, ao ser sufocada, deu origem ao que chamo de “voz-oprimida” pode ser resgatada e gerar o que Demetrio Stratos – cantor e performer egípcio-grego-italiano, multi-instrumentista e pesquisador – chama de *voz-música*, a saber, pelas palavras de Haouli:

Uma voz tomada em sua individualidade, e não vinculada única e exclusivamente à palavra e a seu discurso de significação verbal; uma voz que encarna tudo o que nossas capacidades vocais são aptas a produzir. Não se trata aqui da voz entendida em sua acepção corrente nem da voz que utilizamos como ferramenta em nossa vida cotidiana, aquela vocalidade maquinal esterilizante. Bem ao contrário. É contra essa “voz pronta” de nossos dias que Stratos se

rebela, combatendo-a com uma estratégia e um prática verdadeiramente iluminadoras e liberadoras (ibidem, pp.46-47).

O teatro para Augusto Boal é um meio de transformação subjetiva, “um meio privilegiado para descobrirmos quem somos, ao criarmos imagens do nosso desejo: somos nosso desejo, ou nada somos” (BOAL, 2003, p.90). O teatro organiza ações humanas, no espaço e no tempo e estampa, no espaço estético, quem fomos, quem somos e o que podemos vir a ser. A voz segue esse mesmo raciocínio.

A exemplo do que acontece no Teatro-Imagem<sup>i</sup>, meu desafio consiste aqui no estudo da voz para o teatro na perspectiva de um trabalho de desmecanização da voz em constante diálogo com a desmecanização do corpo, baseando-se nas propriedades do som e da música e tendo como foco alguns princípios da poética do Teatro do Oprimido - o corpo como meio de comunicar imagens de opressão, servindo de estímulo para a criação de imagens sonoras em consonância com essa opressão. Trabalhar essa unidade corpo e voz, proporcionando espaços para as contaminações do corpo na voz e vice-versa. Assim como houve uma preocupação de Boal em trabalhar o corpo pela técnica do Teatro-Imagem, proponho problematizar a voz nesse contexto, partindo do pressuposto que a imagem comunica para poder então expressar-se a partir de imagens sonoras.

Tal ideia surgiu do trabalho com o grupo de teatro da Empresa Baiana de Água e Saneamento, o *Embasart*, no qual trabalhei, juntamente com mais três artistas e educadoras, num projeto coordenado por Antônia Pereira, com a linguagem do Teatro do Oprimido na função de preparadora vocal do grupo. Foi essa experiência que me incitou a pensar um trabalho de voz conduzido pela Poética do Oprimido.

O trabalho da voz no Teatro do Oprimido consistiu, na minha experiência com o *Embasart*, em explorar todos os aspectos das propriedades do som e da música – timbre, altura, intensidade, duração, melodia, harmonia e ritmo, utilizando-se dos jogos e exercícios propostos por Boal, no intuito de atingir algum canal, pela voz, que leve o indivíduo a refletir, questionar, estranhar e redimensionar fatos, realidades, angústias, medos e inseguranças com o objetivo único de torná-lo um sujeito mais ativo e com maior autonomia.

Se Boal sistematizou uma técnica – o Teatro-Imagem – na qual o corpo era o principal meio de comunicação e, por meio do qual, era dada a possibilidade de libertação das opressões, por que não sistematizar, através do legado de Boal, um meio através do qual a voz fosse esse canal de libertação?

Dessa forma, essa pesquisa pretende esmiuçar as propostas vocais sugeridas por Boal em sua metodologia e articular seus detalhamentos do corpo em sua proposta de Teatro-Imagem ao componente vocal, podendo aqui chamar essa proposta de *TeatroVoz-ImagemSonora*. Tanto o corpo oprimido dá vazão a uma voz, como uma voz, em imagens sonoras, emoldura um corpo rígido, na tentativa de flexibilizá-los.

Pretendo, portanto, me ancorar no que foi sistematizado por Boal em relação ao Teatro-Imagem e estruturar um *Teatro-VozImagemSonora* a fim de traduzir essa

opressão a partir de sons vocalizados que não se prendem à semântica verbal. Sons que serão imagens sonoras de opressões vividas e que fazem parte da história sonora de cada um. Baseado nisso, ampliarei a experimentação vocal em relação a outros sentimentos e estados que vão além das situações de opressão.

A partir da criação sonora de imagens que traduzirão diversos estados experienciados, pretendo proporcionar aos participantes o alcance de uma *voz-música*, criando uma música coletiva a partir da *voz-música* de cada integrante do trabalho.

Trata-se, portanto, de uma pesquisa vocal, na qual se pretende realizar um treinamento técnico de preparação vocal para a cena – baseando-se nas propriedades do som e da música – no intuito de desenvolver um trabalho de exploração vocal e criação sonora a partir de estímulos corporais e musicais, detendo-se, como foco principal, na música contemporânea como indutora de estranhamento. A música estará presente de variadas formas nesse processo formativo – como indutora do movimento corporal, como indutora dos estados do ator em cena, como indutora da voz em resposta ao estímulo musical e como resultado final sonoro coletivo. A proposta é ampliar o ambiente sonoro a partir da apreciação musical além de utilizar jogos e exercícios de Augusto Boal como forma de desmecanizar o sujeito e alimentar o processo criativo.

Como base estruturante desta pesquisa, me apoiarei nos ensinamentos de Constantin Stanislavski, Augusto Boal, Jerzi Grotowski e Eugênio Barba. Os princípios, portanto, que regem a presente pesquisa são a voz-oprimida, a *voz-música*, o estranhamento musical, as imagens sonoras.

O que seria uma imagem? Sob que aspecto considerar a imagem? Representação? Conceito? Símbolo? Imagem visiva? Partindo desses questionamentos pretendo desenvolver um trabalho ancorado na ideia de imagens sonoras. O som que comunica e torna visível uma ideia sem ter que passar necessariamente pelo visual. O som que antecede a palavra e está imbuído de sentido.

Para Jean-Luc Hervé, em *Pourquoi écrire la musique aujourd'hui?*, as imagens sonoras são situações musicais e vocais imaginadas concretamente pelo autor das mesmas. São “visões” de instantes sonoros descritíveis de maneira qualitativa pelos

contornos, movimentos dinâmicos, registros que formam na realidade um todo inseparável, portador de uma intenção (cf. HERVÉ, 2005).

Para Ítalo Calvino, alguns elementos são fundantes da formação da imagem visiva (cf. 2011, p.110). Dentre os elementos elencados pelo autor, afirmo que, para a criação das imagens sonoras, também são fundamentais o mundo figurativo transmitido pela cultura, o processo de abstração, a condensação e a interiorização da experiência sensível além da escuta direta do mundo real.

O processo de escuta é fundamental para o desenvolvimento desse potencial da voz, dessa voz que vem de um lugar ainda não alcançado. A abstração e as experiências sensíveis são também imprescindíveis para se atingir esse lugar – de escuta e produção da “voz oprimida”.

A escuta tem nessa proposta um papel fundamental, pois, além de ampliar o repertório auditivo do ator, tem também papel fundamental no aprender a ouvir para responder aos estímulos. Tal proposta pretende partir da escuta musical como indutora do estímulo criativo. Pretende utilizar a música de variadas formas no processo formativo – como indutora do movimento corporal, como indutora dos estados do ator em cena, como indutora da voz em resposta ao estímulo musical e como resultado final sonoro coletivo.

Não se trata, no entanto, de querer buscar sons bizarros e estranhos, soando artificial e forçado. Busca-se a exploração do que não é usual e para tanto “é preciso esquecer a própria voz e lançar-se com todo o corpo em direção ao estímulo e reagir a ele” (BARBA, 1991, p.58), alcançando um estado de surpresa, de descoberta e de libertação.

Acredito que a voz tenha, de fato, uma concretude que pode ser sentida. Barba, em *Além das ilhas flutuantes*, nos afirma que a voz “é uma força material, um verdadeiro ato que põe em movimento, dirige, dá forma, pára” (1991, p.56).

## REFERÊNCIAS

BARBA, Eugênio. *Além das ilhas flutuantes*. São Paulo: Ed. Hucitec, 1991.

BOAL, Augusto. **Jogos para atores e não-atores**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 13ª Ed., 2009.

\_\_\_\_\_. **Teatro do oprimido e outras poéticas políticas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2005.

\_\_\_\_\_. **O teatro como arte marcial**. Rio de Janeiro: Garamond, 2003.

\_\_\_\_\_. **O arco-íris do desejo: método Boal de teatro terapia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

EL HAOULI, Janete. **Demetrio Stratos: em busca da**

voz-música. Londrina, PR: J. E: Haouli, 2002.

GROTOWSKI, Jerzy. **Em busca de um teatro pobre**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1992.

\_\_\_\_\_. **O teatro laboratório de Jerzy Grotowski 1959 – 1969**. São Paulo: Perspectiva: SESC; Pontedera, IT: Fondazione Pontedera Teatro, 2007.

HERVÉ, Jean-Luc. “Pourquoi écrire la musique aujourd’hui”. In la création après la musique contemporaine, coll. **Les dialogues**. Org. Danielle-Cohen Levinas. Paris: l’Harmattan, 2005.

PAREYSON, Luigi. **Estética: teoria da formatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.

SCHAFER, R. Murray. **O ouvido pensante**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1991.

\_\_\_\_\_. **A afinação do mundo: uma exploração pioneira pela história passada e pelo atual estado do mais negligenciado aspecto do nosso ambiente: a paisagem sonora**. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

STANISLAVSKI, Constantin. **A preparação do ator**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

\_\_\_\_\_. **A construção da personagem**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

\_\_\_\_\_. **A criação de um papel**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

i O Teatro-Imagem proposto por Augusto Boal consiste em dispensar o uso da palavra para possibilitar o desenvolvimento de outras formas perceptivas. Tem o objetivo de estimular o pensar com imagens, o debate sem o uso da palavra, utilizando o próprio corpo e objetos. Prevê a comunicação através do corpo e objetos sem expressão vocal para trabalhar questões de opressão vividas pelo sujeito.